

LEI 10.639 DE 2003: FORMAÇÃO CONTINUADA E RECONHECIMENTO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Edileusa Francisca da Silva ¹
Reginaldo Ferreira Domingos ²

RESUMO

A Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, desta maneira ela é de extrema importância para construção da identidade racial e para a aceitação da diferença, logo é fundamental para uma educação. Porém, muitos(as) professores(as) trabalham a temática somente nas datas comemorativas de 13 de maio e 20 de novembro o que não ocorre rotineiramente no ambiente escolar, também se observa que em salas de aula de todo o Brasil que a história afro-brasileira é tratada somente sobre a escravização de negros(as) e os relatos de sofrimento presentes no passado brasileiro. Porém pouco é falado sobre o Movimento Negro no Brasil e quando se é tratado, em muitos casos, retratam somente as ações feitas para o fim da escravidão. Assim, percebendo-se a necessidade de tratar essas questões devido a ocorrência de reprodução de estereótipos que não contribuem para a formação do sujeito humano no *locus* educacional e reflete em sua formação, diante disto se observa a necessidade do(a) docente ter uma formação continuada voltada para a Lei 10.639/2003, para que saiba como se tratar a temática racial a partir de um ponto de vista histórico-cultural, na qual os(as) alunos(as) possam aprender com o passado e com a cultura e assim desenvolver uma educação antirracista e que valorize a Cultura Afro-Brasileira. Nesse sentido, este pretende expor uma análise acerca do projeto de extensão intitulado “*a prática docente e a formação continuada: Lei 10.639/2003 e o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira*”. O projeto objetiva realizar discussões na sala de aula acerca de questões raciais, racismo, identidade, história e cultura africana e afro-brasileira de forma que os(as) alunos(as) negros(as) se sintam valorizados (as) e no caso dos(as) alunos(as) não negros(as) possam aceitar as diferenças e que professores(as) sejam capazes de realizar diálogos de maneira a acabar com a reprodução de estereótipos sobre a população negra brasileira e seus ascendentes africanos(as).

Palavras-chave: Identidade. Ensino. Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

Observa-se em todo o Brasil constantes repressões contra a pessoa negra, na qual estes são vistos como inferiores e incapazes de ocupar cargos grandes em empresas, além de humilhações públicas como comparações com animais e a naturalização de discursos racistas, tais como “todo negro é ladrão”, isto se deve ao passado de repressão e escravização ocorrido no país, em que africanos foram separados de seus lares e suas famílias para serem

1 Graduanda em LI em Ciências Naturais e Matemática, Universidade Federal do Cariri (UFCA), edileusasilva444@gmail.com, Brejo Santo, Ceará, Brasil.

2 Professor, Doutor em Educação Brasileira, Universidade Federal do Cariri (UFCA), reginaldo.domingos@ufca.edu.br, Ceará, Brasil.

escravizados, muitos morreram no percurso de fome, doenças e alguns se suicidaram (ANDRADE, 2005).

Esta imagem de que o negro é inferior tem que ser desconstruída da mente de toda sociedade, por isso é importante que seja tratada a temática racial em sala de aula, levando o(a) aluno(a) a interpretar que a discriminação, pode causar sérios danos na identidade da pessoa, entre esses danos se encontra a não aceitação de si próprio, rejeição, depressão e em alguns casos suicídio, o ambiente escolar não é um local unicamente de transmissão de conteúdo, logo deve tratar o respeito a diversidade, de forma haja respeito as diferentes identidades (GOMES, 2005). Mesmo com a implementação da Lei 10.639 de 2003 que torna obrigatório o ensino sobre Cultura e História Afro-Brasileira em instituições públicas e privadas em todo país, a temática racial é pouco tratada em sala de aula em especial no ensino infantil, em que muitas vezes nem se é trabalhada.

O estudo sobre a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pode auxiliar na eliminação de estereótipos que estão presentes na sociedade brasileira, que estão presentes em diversos meios e que são propagados na escola de forma naturalizada que em muitos casos professores(as) não notam devido sua falta de formação na temática, na qual muitas vezes não reconhecem práticas racistas presentes na comunicação dos alunos, tais como piadas, apelidos, desenhos, expressões e outras manifestações que são observadas no cotidiano (SILVA, 2005). Além disso segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNs): “[...] A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação” (BRASIL, 2004, p.16).

Constantemente se é observado em salas de aula de todo o Brasil que a história afro-brasileira é tratada somente sobre a escravização de negros(as) e os relatos de sofrimento presentes no passado brasileiro. Porém pouco é falado sobre o Movimento Negro no Brasil e quando se é trata, em muitos casos, retratam somente as ações feitas para o fim da escravidão. Importante ressaltar que o Movimento Negro está presente nos dias atuais, lutando contra o racismo e em favor dos direitos do(da) negro(a). A Lei 10.639/2003 tem uma enorme importância para o Movimento Negro, pois ela busca resgatar as contribuições dos(as) negros(as) na construção da sociedade, como também busca trazer a história e a cultura africana e afro-brasileira para a sala de aula, com o intuito de diminuir a discriminação racial

e o racismo (BRASIL, 2004).

Visto que o espaço da escola é mais favorável para debater a questão racial, em que pode se haver uma grande participação dos(as) alunos(as) de maneira que estes buscam aprender mais sobre a temática, porém se nota a necessidade de levar para os(as) professores(as) uma preparação para se tratar o tema, tais como mostrar a importância das contribuições africanas para formação da sociedade, o respeito a diferença e as tradições presentes que auxiliam na formação humana (THEODORO, 2005). Nisto este artigo objetiva expor uma análise acerca do projeto de extensão intitulado “*a prática docente e a formação continuada: Lei 10.639/2003 e o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira*”, na qual se observa a importância em tratar a questão racial em sala de aula, pois de certa forma, tratar tal tema leva o(a) aluno(a) a refletir sobre seu papel na sociedade e sobre sua identidade.

O RESPEITO A DIFERENÇA E O RACISMO NO BRASIL

O Brasil é um país multicultural e multirracial de maneira que todos interagem de alguma forma e convivem, porém, se observa que as relações etnicorraciais são frágeis de maneira que a questão racial vai bem além de apenas discussões. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) a taxa de homicídios de negros no Brasil entre os anos de 2007 e 2017 cresceu cerca de 33,1% e a de não negros no mesmo período cresceu 3,3% (IPEA, 2019), evidenciando que o racismo está fortemente inserido na sociedade brasileira, isto está atrelado ao passado do país, que é marcado pela escravização de negros(as) e repressão da cultura afro-brasileira e africana.

A sociedade brasileira nega a existência do racismo e da discriminação racial, se nota isto ao se trabalhar as relações etnicorraciais em sala de aula, na qual muitos(as) professores(as) não chegam a falar a palavra “negro” para identificar tal grupo racial e até mesmo sobre cor da pele, na qual não chegam a falar “cor preta” para designar tal pessoa, usam a palavra “moreno(a)”. Outra evidencia também é o fato de ter uma lei vigente que “obriga” a tratar a Cultura e História Afro-Brasileira em sala de aula, porém, são tratadas unicamente em duas datas: no dia 13 de maio (Dia da abolição da escravatura no Brasil) e dia 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra), na qual trabalham somente o fim da escravidão através de uma visão euro centrista em que não se há a valorização da importância das contribuições africanas para a sociedade (BRASIL, 2004).

AFRICANIDADES: RAÍZES DO PASSADO E SUA INFLUÊNCIA

O Brasil tem diferentes culturas, as quais cada uma sofreu influência de alguma outra vinda de outro país durante o período colonial, em que se vê a presença de diversos povos africanos na formação do Brasil, na qual contribuíram não só na economia, como também foi inserido no cenário brasileiro seus costumes, suas convicções e suas práticas do cotidiano e que se perpetuam até os dias atuais. As africanidades, por exemplo, são resquícios das contribuições africanas, como: comidas, religiões, danças, músicas, dentre outros costumes importantes para a formação cultural do Brasil (THEODORO, 2005).

Se entende por africanidades brasileiras as raízes da Cultura Brasileira que tem parte de sua origem da herança cultural africana, são desde atitudes que estão presentes no cotidiano brasileiro até alguns objetos culturais, que não possuem apenas significado de objeto, desta maneira uma receita de feijoada, pode ter um significado enorme como a lembrança da terra, por isso há uma necessidade do estudo de africanidades em sala de aula, pois desta maneira o currículo escolar pode valorizar a cultura, bem como ensinar a respeitar e compreender, além de discutir e analisar as relações raciais, superando sentimentos de superioridade e inferioridade mostrando que existe desigualdade racial e que ela está “mascarada” na sociedade (SILVA, 2005).

O estudo das africanidades em sala de aula ajuda o(a) aluno(a) a formular novos conceitos e entender não só a cultura afro-brasileira, bem como entender os diversos valores culturais presentes no Brasil, na qual o(a) aluno(a) compreende a importância de respeitar e valorizar as diferenças, vendo que cada cultura tem muito a contribuir no processo de formação não só do(a) aluno(a), mas do(a) professor(a) e de todo o ambiente escolar. Ainda se é necessário ressaltar que as contribuições africanas no Brasil estão presentes de várias formas e que é essencial que o(a) aluno(a) tenha interesse em se aprofundar no passado histórico do Brasil, pelas diferentes perspectivas dos diferentes povos que contribuíram na formação do país (SILVA, 2005).

LEI 10.639/2003: A EXTENSÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

Muitas vezes a graduação não possibilita que professores(as) estejam aptos para tratar

certas temáticas, na qual se nota que muitas instituições não trazem em seus componentes curriculares disciplinas que tratem de temas comumente vistos em sala de aula tais como: educação sexual, gênero, relações étnico-raciais, identidade sexual, entre outros que são de extrema importância para a formação docente e que futuramente será tratado no *locus* escolar. Devido esta deficiência em sua graduação alguns(mas) professores(as) buscam aprofundar sua formação, procurando novos temas que serão necessários em sala de aula para conhecê-los melhor e saber como agir em determinadas situações. Porém, alguns(mas) professores(as) acabam não aprofundando sua formação, devido diversos fatores como falta de tempo, cansaço, falta de dinheiro ou por simplesmente não quererem.

Em sala de aula é naturalizado certas atitudes estereotipadas na qual alguns(mas) alunos(as) renegam sua cultura e sua raça, além disso outros(as) discriminam e difamam colegas de sala de aula por serem tidos como “diferentes” isto devido a uma imagem construída e perpetuada na sociedade brasileira por meio do passado que diminui a pessoa negra. Diante disto se observa a necessidade do(a) docente ter uma formação continuada voltada para a Lei 10.639/2003, para que saiba como se tratar a temática racial a partir de um ponto de vista histórico-cultural, na qual os(as) alunos(as) possam aprender com o passado e com a cultura e assim desenvolver uma educação antirracista e que valorize a Cultura Afro-Brasileira.

Nesse sentido, o projeto de extensão intitulado “*A prática docente e a formação continuada: Lei 10.639/2003 e o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira*”, na qual objetiva realizar discussões em sala de aula acerca de questões raciais, racismo, identidade, história e cultura africana e afro-brasileira de forma que os(as) alunos(as) negros(as) se sintam valorizados(as) e no caso dos(as) alunos(as) não negros(as) possam aceitar as diferenças, de maneira que os(as) professores(as) sejam capazes de realizar diálogos que permitam uma compreensão acerca dessas questões que não seja de forma a reproduzir estereótipos sobre a população negra brasileira e seus ascendentes africanos(as). O projeto ocorre em Brejo Santo, Ceará, a realização ocorre em parceria com a Secretaria de Educação deste município e a Universidade Federal do Cariri (UFCA), no Instituto de Formação de Educadores (IFE).

O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS PRESENTES EM SALA DE AULA

As pessoas aprendem com a convivência e observando ações no cotidiano, segundo Lopes (2005, p. 188) “As pessoas não herdam, geneticamente, idéias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola”. Logo, as ideias racistas surgem a partir da observação de práticas presentes no dia-a-dia, como expressões e atitudes, na qual se vê em sala de aula que muitos(as) alunos(as) trazem consigo ideias deste calão e tendem a repetir tais atitudes sem mesmo saber seu significado ou seu impacto, de maneira que expressões se tornam naturalizadas e comuns no ambiente escolar, desta maneira propagando estereótipos que distorcem a realidade e atrapalham na inclusão racial (LOPES, 2005).

O ambiente escolar é um local de formação de pessoas e de construção de ideias, na qual se observa que se os conteúdos discutidos em sala de aula não forem tratados de maneira correta pode estimular ideias preconceituosas e propagar discursos de ódio, se nota também que há uma enorme importância de que o(a) professor(a) consiga notar os meios que propagam tais ideias e mostre que elas não são corretas e ferem pessoas. Muitos são os meios de propagação de ideias em sala de aula, tais como: livros didáticos, cartazes, panfletos e no próprio discurso dos(as) alunos(as) (SANT’ANA, 2005).

Muitos acreditam que as únicas disciplinas que se pode tratar sobre a cultura e história africana e afro-brasileira são história e artes, porém tem como tratar na matemática, ciências naturais, geografia e em português.

- Matemática: representações numéricas, geometria fractal, pirâmides, contribuições africanas para a matemática;
- Ciência naturais: plantas usadas em rituais e na medicina que foram inseridas por meio dos africanos;
- Geografia: Geografia da África, mapas, solos;
- Português: Principais autores africanos, influência da África na literatura, obras literárias que tratam a questão racial, palavras de origem africana.

A imagem traz em si várias informações e não somente sua representação artística, mas também discursos ocultos que mudam a mente das pessoas e constroem sentimentos que influenciam nas relações étnico-raciais, Imagens(ou ilustrações) podem trazer muitos discursos racistas que impedem a formação de identidade racial do(a) aluno(a), desta forma professores(as) devem se empenhar no papel de rever tais materiais na escola e buscar a

vinculação de materiais inclusivos, como mostra os escritos de Lima (2005, p.102):

A imagem age como instrumento de dominação real através de códigos embutidos em enredos racialistas, comumente extensões das representações das populações colonizadas. A representação popular do outro racial pela mídia também sugere uma investigação, como fantasias coletivas que ajudam na manutenção de identidades dominantes, construtoras de sentimentos que acabam por fundamentar as relações sociais reais. (LIMA, 2005, p.102)

Tendo em vista que o aspecto do(a) negro(a) é moldada em diversos ambientes sociais devido a presença dos diversos estereótipos em vários locais, na qual as pessoas acreditam facilmente e propagam tais discursos respectivo a sua falta de contato com a história africana e afro-brasileira. Na literatura brasileira, por exemplo, poucos livros possuem negros(as) em suas histórias e quando aparecem são relatados vinculados a escravidão e histórias tristes. Contar histórias do(a) negro(a) escravizado(a) não fere a memória, mas muitas vezes a adesão da forma como foi abordada e o ponto de vista podem ferir, o(a) aluno(a) negro(a) pode se vê como alguém não representado(a) o que não a ajuda na construção de sua identidade em que muitas vezes a perspectiva destas histórias transmite a ideia de que o(a) negro(a) teve unicamente o papel de escravo(a) na construção da sociedade brasileira e o(a) mostra como inferior (GOMES, 2005).

Outro exemplo são os livros didáticos, muitas vezes acabam por ser um meio de propagação de imposição do padrão ideal eurocêntrico e brancocêntrico, em que pode ocasionar na auto rejeição do indivíduo pertencente a um grupo diferente do padrão e muitas vezes o indivíduo destes grupos tende a buscar se aproximar desse modelo e negar cada vez mais seus valores culturais e suas tradições. Além disso em alguns livros não se encontram a imagem de negros(as) e em outros são representados(as) como subalternos(as), o que pode trazer à tona no aluno um sentimento de negação de sua identidade racial. Constantemente há uma falta de referências positivas, nas quais afetam na valorização da identidade do(a) aluno(a) referências estas que existem, porém não são levadas para seu contexto habitacional ou educacional, geralmente as referências apresentadas são de tom negativo, que constroem uma imagem de submissão e tristeza (ANDRADE, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certo modo há uma convicção de que o único local onde se deve tratar a história e

cultura africana e afro-brasileira é na escola e que o único(a) responsável pela eliminação do racismo na sociedade é o(a) professor(a) e de fato o ambiente escolar é o principal local de formação cidadã, porém se sabe que não é o único lugar de reflexão, quando a realidade brasileira mostra que nem todas as crianças e jovens estão na escola, o que evidencia a importância de tratar sobre temática racial em diversos ambientes sociais. Se nota que o país tem uma diversidade cultural enorme e sabe-se que em sua formação pode se cotar com diferentes povos, porém ao chegar em sala de aula pouco se é tratado sobre esta diversidade em que os conteúdos ministrados focam mais em teorias europeias e pouco se é falado sobre o próprio país, além disso há uma repressão em relação a cultura afro-brasileira, em que se é pouco trabalhado sobre as religiões de matriz africana devido ao que as pessoas julgam como correto, em que tais religiões são vistas com maldade (SILVA, 2005).

A cultura e história africana e afro-brasileira, contribuiu significativamente para a sociedade, porém é pouco falado sobre estas contribuições, na qual se dá a entender que só os povos europeus contribuíram para a formação do Brasil e que a “única finalidade” dos africanos foi na parte “econômica” em que vários deles foram escravizados e tiveram seus direitos retirados, a sociedade e o Estado têm uma grande dívida histórica com os descendentes de africanos tal como trata as DCNs (2004):

Também farão parte de um processo de reconhecimento, por parte do Estado, da sociedade e da escola, da dívida social que têm em relação ao segmento negro da população, possibilitando uma tomada de posição explícita contra o racismo e a discriminação racial e a construção de ações afirmativas nos diferentes níveis de ensino da educação brasileira. (BRASIL, 2004, p.16-17).

Evidenciando que deve haver a criação de estratégias para o combate ao racismo e a discriminação racial, ainda se deve uma preocupação com a estabilidade das relações etnicorraciais de maneira que a pessoa não negra respeite a pessoa negra, além disso que o Estado garanta os direitos dos(as) negros(as) de maneira que incite o respeito a diferença e mostre a acuidade de se conhecer melhor a cultura afro-brasileira para a criação de relações étnico-raciais positivas e para a construção de identidade racial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inallete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra, p.127-123. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola**. Ministério da Educação,

Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei no 10.639.** Publicada em 09 de janeiro de 2003.9

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas de violência 2019.** Brasília: Ipea, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação, p.143-154. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil, Brasília, p.101-116. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, preconceito e discriminação, p.185-204. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados, p.39-67. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático, p.21-38. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

SILVA, Maria José Lopes da. As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica, p.125-142. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras, p.155-172. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.

THEODORO, Helena. Buscando caminhos nas tradições, p.83-99. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2005.